

Novos médicos internos são recebidos no CHO em ambiente de indefinição

Os concursos para entrada de novos médicos para o SNS têm gerado polémica e feito correr muita tinta nos jornais. Nas Caldas, na recepção aos 76 novos médicos internos da região, que decorreu na noite de 27 de Fevereiro, o bastonário da Ordem dos Médicos, Miguel Guimarães, pediu que o Governo cumpra a lei e abra os concursos. O bastonário disse em entrevista à *Gazeta das Caldas* que “a saúde no Oeste não está bem”.

Isaque Vicente
ivicente@gazetacaldas.com

“Querem concursos nacionais como os actuais ou concursos em que cada centro hospitalar contrata os seus médicos?”, questionou Miguel Guimarães, bastonário da Ordem dos Médicos na recepção aos 76 novos médicos internos da região, que decorreu na noite de 27 de Fevereiro na delegação oestina daquela instituição.

Uma questão à qual António Curado, da administração do CHO, respondeu com uma pergunta: havendo centros hospitalares com maior capacidade financeira do que outros, não se corre o risco de haver hospitais de segunda e hospitais de primeira?

O bastonário insistiu que “ou o concurso é para todos ou então cada instituição contrata os seus médicos pois não podemos ter dois sistemas em paralelo que criam desigualdade entre médicos e entre hospitais”.

Miguel Guimarães acusou o Governo de estar “um bocado paralisado no que diz respeito à saúde” e de não pensar global para descentralizar e dar vida às zonas periféricas. Disse que o Governo não devia dedicar apenas 5,2% do PIB à Saúde, mas sim 6,5% “como na média dos países da OCDE” e fez notar que a crise afectou o “bom” SNS que Portugal tinha. O bastonário salientou que este foi o sector mais afectado pela crise e

PUB.



O bastonário deu as boas vindas aos novos médicos internos que ficaram colocados no CHO

pela trióia. “Os governos têm noção e sabem que, para a saúde, as pessoas têm sempre um pezinho de meia e sabem que as pessoas recorrem à medicina privada, que é o que está a acontecer com cada vez mais portugueses”, afirmou, acrescentando que “isto cria desigualdades sociais brutais” entre os que têm capacidade financeira e os que não têm e são obrigados a ficar à espera. Acresce que “aqui nas Caldas sabe-

mos que a lista de espera para primeiras consultas e cirurgias é muito elevada”.

A educação foi outro dos temas em debate. Isto porque segundo o bastonário, as escolas portuguesas formam quase o dobro dos médicos que são necessários. “Temos escolas a mais, devíamos ter cinco escolas e formar no máximo 1200 médicos por ano”, definiu, notando que “não faz sentido investir em formar mé-

dicos para irem para fora do país suprimir as faltas europeias”, que estimou em 230 mil.

“Não faz sentido proletarizar cada vez mais a profissão”, alertou Miguel Guimarães, deixando novo recado ao Governo que não baixa os *numerus clausus* porque “não tem coragem para as críticas”.

Outro dado curioso que foi partilhado, é que, apesar de tudo isto, já foram dados pareceres negativos para

a criação de seis novas escolas médicas e há novos pedidos a aparecer. A necessidade de instituir cadeiras de Comunicação e de Ética e Deontologia no curso de Medicina foi outro tema da sessão, onde o bastonário definiu a questão da ciência versus não ciência na medicina como “um dos grandes debates do nosso tempo”.

Mariana Magalhães, em representação do grupo de internos que tem fei-

Isaque Vicente

to formação no CHO, apresentou uma carta de boas-vindas aos que chegaram agora na qual falava “dos dias em que uma carreira no McDonalds parecia um sonho de infância”, mas também “dos dias em que saem do hospital tarde e a más horas, com um sorriso parvo a pensar que o Dr. House ao vosso lado é um menino”. No fim, passou um vídeo feito pelos internos deste ano que dava conselhos aos que agora chegam. Visitar vários locais desta região e não se enervarem quando determinada máquina do hospital não funciona, foram algumas das dicas.

Cristina Teotónio, vice-presidente da delegação do Oeste da ordem, mostrou a sua “apreensão e preocupação pelo futuro dos cuidados de saúde no Oeste, nomeadamente em termos de cuidados hospitalares” e notou que “permanece alguma indefinição em relação ao futuro”.

Frisou que as “carências de infra-estruturas e de contratação de recursos têm motivado instabilidade” e falou das constantes fusões que provocam o sentimento aos profissionais de saúde e aos utentes de que se vive “sempre numa fase de adaptação”.

Este ano entram para o CHO 60 internos do ano comum (tantos como no ano passado) e dez para formação específica. Além disso, chegam seis internos para Medicina Geral e Familiar no ACES Oeste Norte. ■

VENDE-SE

Vivenda
A-da-Gorda - Óbidos

107.000€

Apartamento T3
Caldas da Rainha
junto à praça de touros

69.000€

Discoteca/bar
Óbidos
com espaço de restauração

+351 911 777 877

Viver com Dentaduras?

Restaure a sua vida com ALL-ON-4!

ALL-ON-4 Implantes Dentários

Reabilitação de desdentados totais.
Novos dentes em apenas 1 dia.
Sem necessidade de enxerto ósseo.
Minimamente invasivo.
Rápida cicatrização.

Av. Eng.º Marcelo Morgado, 10B
2500-919 Caldas da Rainha

+351 262 843 218
+351 969 848 691

geral@oralplan.pt
www.oralplan.pt

oralplan
clínica dentária



“A população do Oeste está a ter dificuldade no acesso a cuidados de saúde”

Em entrevista à *Gazeta das Caldas*, o bastonário da Ordem dos Médicos, Miguel Guimarães, analisou a situação do Oeste, onde faltam médicos, equipamentos e infraestruturas. O bastonário pediu a contratação dos cerca de mil novos médicos recém-formados, a fim de cumprir a lei e para dar resposta às necessidades. As críticas aos governos são várias.

Isaque Vicente
ivicente@gazetacaldas.com

GAZETA DAS CALDAS: Que análise faz da saúde no Oeste?

MIGUEL GUIMARÃES: A saúde no Oeste não está bem. Apesar de termos profissionais de saúde notáveis, com médicos de elevadíssima qualidade, a verdade é que na região do Oeste, e em particular nas Caldas da Rainha, temos uma deficiência grande em termos de capital humano a nível de médicos de várias especialidades, temos muitos equipamentos que já ultrapassaram o prazo de validade e precisam de ser renovados, temos falta de materiais e dispositivos médicos, sobretudo no serviço de urgência. Eu sei que as obras se iniciaram neste mês, mas a verdade é que o serviço de urgência tem sido uma área problemática.

Não é uma questão exclusiva deste centro hospitalar, mas é uma questão importante, até porque as dificuldades que se sentem no serviço de urgência são muito grandes para os doentes e para quem lá trabalha, que sente esta pressão de não conseguir fazer mais coisas porque falta gente e porque as estruturas físicas não eram as mais adequadas.

GC: Como comenta os tempos de espera para consultas não cumprim a lei?

MG: São preocupantes, nalguns casos ultrapassando mesmo os tempos má-

ximos de resposta garantida, o que significa, na prática, que a população do Oeste está a ter dificuldade no acesso a cuidados de saúde.

Acho que esta matéria (a que podemos adicionar os cuidados de saúde primários que também têm dificuldades porque existem uns milhares de utentes sem médico de família atribuído) merece uma atenção particular do ministro da Saúde, que não pode continuar a dizer que está tudo bem, quando quem está no terreno tem a noção de que está a haver decadência.

A ordem está preocupada com esta situação e já o fez saber ao ministro. Têm de ser tomadas medidas rapidamente, tem de ser feito um investimento maior, não só na região Oeste mas em todo o SNS, de forma a que consigamos recuperar o SNS que está bastante afectado e que tem implicações no trabalho realizado, mas sobretudo nas expectativas dos doentes.

GC: O concurso nacional para a entrada de jovens especialistas, a acontecer, vai resolver todos os problemas?

MG: Nós temos médicos hospitalares de praticamente todas as especialidades a aguardar a possibilidade de fazer um concurso nacional desde Março/Abril de 2017. Estamos a falar de cerca de 700 médicos a que já se juntaram os jovens que acabaram a especialidade em Outubro/

Novembro. Temos neste momento quase um milhar de médicos que poderiam e deveriam ser contratados rapidamente para trabalhar no SNS, preferencialmente nas zonas mais carenciadas, como é o caso do Oeste e das Caldas da Rainha. O trabalho deles é fundamental para os nossos doentes, o país precisa desses médicos e este período longo sem existirem contratações resulta, na maior parte dos casos, em que estes jovens vão dando outro rumo à sua vida e vão trabalhar para o sector privado em exclusividade ou muitos deles até acabem por emigrar. Vão-se acentuando as grandes desigualdades que existem entre os grandes centros urbanos e a periferia porque os hospitais que têm mais capacidade de influência política acabam por fazer contratações directas de alguns médicos e aqueles que têm menos capacidade de influência política acabam por ficar cada vez com menos médicos. As desigualdades sociais em saúde estão a aumentar cada vez mais, com prejuízo directo para a população.

GC: Que vantagens traz a passagem do CHO de SPA [Sector Público Administrativo] para EPE [Entidade Pública Empresarial]?

MG: É uma reivindicação antiga. Lembro-me que estive aqui há cerca de um ano e já era uma das principais reivindicações do Dr. Nuno Santa Clara, presidente da sub-re-

gião do Oeste da Ordem, porque a passagem do hospital a EPE vai dar uma flexibilidade em termos de gestão e organização que poderá beneficiar de alguma forma aquilo que são os cuidados de saúde de uma forma global. Acho que isso é preciso e devia acontecer o mais rápido possível.

“ADMINISTRAÇÃO DE MÃOS E PÉS ATADOS”

GC: Qual o impacto no corpo clínico de um hospital que tem uma administração a prazo há cerca de um ano?

MG: Esse é um problema que o ministro vai ter de resolver. Eu não conheço pessoalmente a administração do CHO. A verdade é que o CHO tem tido algumas dificuldades em dar resposta a algumas situações, mas também é verdade que o ministro não tem dado as condições necessárias. Para se contratarem pessoas é precisa autorização do ministro da Saúde e, às vezes, até do ministro das Finanças, que é quem está a mandar nisto tudo. Depois, para se contratar as pessoas necessárias, além da autorização, é preciso ter disponibilidade económica. Depois há o problema de encontrar os médicos para virem para cá, que numas sociedades é mais fácil, noutras é mais difícil. Mas se nós não demos esta possibilidade à administração, esta está, obviamente, de pés e mãos atados e não consegue ir mais longe.



Miguel Guimarães diz que há actualmente mil médicos recém-formados que podiam integrar o SNS

De resto, a passagem a EPE significa que tem de haver novamente uma nomeação do director do hospital e, portanto, o ministro da Saúde terá aí a possibilidade de optar por ter outra administração.

GC: Como atrair médicos para este Centro Hospitalar?

MG: É uma questão já antiga que tem tido alguma preocupação por parte do ministério, mas sempre *ad minimum*, isto é, aquilo que são os planos de incentivo que são criados, normalmente não são suficientes para que as pessoas saiam do conforto da sua zona, da sua família, para virem trabalhar para as zonas mais periféricas. Temos de ter um plano de reconstrução daquilo que é a massa crítica das zonas mais periféricas que seja aplicável em várias regiões, não apenas aos médicos, mas aplicável aos professores, enfermeiros, jornalistas, etc.

GC: E em termos de incentivos directos?

MG: Em termos de incentivos directos penso que para os médicos é mais importante dar-lhes um projecto de trabalho, deixá-los desenvolver uma determinada área dentro da sua própria especialidade, dar-lhes a possibilidade de actuarem de acordo com aquilo que estiveram a aprender durante anos, de acordo com as boas práticas.

E é fundamental que o Governo, de uma vez por todas, dê mais apoio à formação dos profissionais, nomeadamente dos médicos.

Além disso, existem os incentivos que foram criados neste último pacote, que são mais um ou dois dias de férias, que não é nada. Nos países onde se foi por aí, não se deu um ou dois dias, mas sim mais 10 ou 20 dias de férias para ser realmente motivador para as pessoas.

Há ainda a questão da remuneração melhorada, que no pacote definido pelo Governo são mais 40% do ordenado, e depois a possibilidade de trazer a família. ▀

CEIA

CENTRO EQUESTRE INTERNACIONAL DE ALFEIZERÃO

RESTAURANTE

ABERTO TODOS OS DIAS
DIÁRIAS COMPLETAS
COZINHA TRADICIONAL PORTUGUESA
2as Bacalhau c/ broa
3as Galo de cabidela
4as Coelho à caçador
5as Cozido à Portuguesa
6as Frango no churrasco

SERVICO À CARTA
BUFFET AOS DOMINGOS

EVENTOS

CASAMENTOS
BAPTIZADOS
ANIVERSÁRIOS/ EMPRESAS

PASTELARIA

ABERTO TODOS OS DIAS
Bolos regionais
Pão de Ló de Alfeizerão
Snack-bar

info/reservas:
262 980 048
926 879 008
ceia@ceia.pt www.ceia.pt

CEIA EN 8-KM 89
Vale de Maceira Alfeizerão

SIGA-NOS NO FACEBOOK:
facebook.com/ceia.pt

SERÁ QUE PODEMOS CONTAR CONSIGO?

Serra do Bouro

Sab | 10 Março
19.30h

Jantar e Espectáculo

Grupo Banza

Ementa: Entradas | Sopa | Carne de porco à portuguesa
Sobremesa | Bebidas e café

17.50 Chaparros
12.50 Chaparros Crianças (7 aos 12 anos)
10 Chaparros Só espectáculo

Reservas: 916 014 843 | 262 978 098
Reservas até 6 Março

Os lucros desta iniciativa revertem para a remodelação da cozinha da sede da associação